Revista África e Africanidades, Ano XVI, ed. 47-48, ago. a nov. 2023 – ISBN 1983-2354
www.africaeafricanidades.com.br

CONHECIMENTO TRADICIONAL DOS POVOS QUILOMBOLAS E PLANTAS MEDICINAIS NO NORDESTE DO BRASIL: EXPLORANDO A SABEDORIA POPULAR

TRADITIONAL KNOWLEDGE OF QUILOMBOLA PEOPLES AND MEDICINAL PLANTS IN NORTHEASTERN BRAZIL: EXPLORING FOLK WISDOM

João Leandro Neto[1]
Xirley Pereira Nunes[2]
David Fernandes Lima[3]
Luciana Souza de Oliveira[4]
Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira[5]
Cristiane Moraes Marinho[6]
Tayronne de Almeida Rodrigues[7]
Francisco Ricardo Duarte[8]

---

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal do Vale do São Francisco; E-mail: joao.leandro@discente.univasf.edu.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1738-1164

[2] Doutora em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos pela Universidade Federal da Paraíba; Professora do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal do Vale do São Francisco; E-mail: xirley.nunes@univasf.edu.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9714-8575

[3] Doutor em Biotecnologia pela Universidade Federal do Piauí; Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal do Vale do São Francisco; E-mail: david.lima@univasf.edu.br; ORCID: http://orcid.org/0000-0003-2260-6452

[4] Doutora em Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará; Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal do Vale do São Francisco; E-mail: luciana.ifsertaope@gmail.com; ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6396-1800

[5] Doutora em Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará; Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal do Vale do São Francisco; E-mail: lucia.oliveira@univasf.edu.br.com; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0588-1797

[6] Doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria; Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal do Vale do São Francisco; E-mail: cristiane.marinho@ifsertão-pe.edu.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3130-1941

[7] Doutorando do Programa de Pós-Graduação Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal do Vale do São Francisco; E-mail: tayronne.rodrigues@discente.univasf.edu.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9378-1456

[8] Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia; Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal do Vale do São Francisco; E-mail: francisco.duarte@univasf.edu.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9102-8273

RESUMO: No Brasil, os quilombos surgiram como locais de resistência e refúgio que eram ocupados por escravizados e negros, diversas políticas foram criadas a fim de assistir estes povos e garantir direitos a apropriação de terras e ao desenvolvimento econômico e social. O decreto nº 4.887, em 2003, regulamentou os processos para identificação, delimitação e titulação das terras ocupadas pelas comunidades quilombolas, objetiva-se realizar uma revisão narrativa de literatura para compreender a utilização de plantas medicinais pelo povo quilombola no nordeste do Brasil, explorando a riqueza da sabedoria popular relacionada à natureza, bem como identificar as plantas mais frequentemente utilizadas, suas propriedades terapêuticas e eventuais limitações e riscos associados a essas práticas. O método de estudo se trata de uma revisão narrativa da literatura a respeito da utilização de plantas medicinais pelo povo quilombola no nordeste do Brasil. As bases foram selecionadas segundo sua relevância, incluindo: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Scientific Eletronic Library Online (SCIELO/PubMed) e National Library of Medicine National, SciVerse (SCOPUS) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Foram identificados 62 estudos, destes, 17 na LILACS, 08 na MEDLINE, 09 na SCIELO/PubMed e 28 na BDTD. Feito isso, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, seguida da exclusão de estudos duplicados, estudos de outra natureza e estudos incompletos. Destes, 39 estudos foram excluídos por não atenderem os critérios de elegibilidade e 23 foram submetidos ao processo de leitura na íntegra. Após a leitura minuciosa, 08 estudos foram selecionados para compor a amostra final do presente estudo. A amostra final foi constituída de 08 artigos que abordaram: uso de plantas medicinais nas comunidades quilombolas da Paraíba; conhecimento botânico tradicional sobre plantas medicinais no quilombo Ipiranga; espécies lenhosas utilizadas no litoral da Paraíba; avaliação da atividade antinocicepctiva de plantas medicinais da comunidade quilombola Mussuca; uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de furadinho; plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia; uso e conservação de plantas medicinais nativas por comunidades quilombolas no município de Alcântara. Os resultados dessa revisão apontaram para o uso de muitas espécies de plantas medicinais utilizadas em comunidades quilombolas em diversos problemas de saúde, bem como as maneiras para preparação e as partes utilizadas das plantas. Esta revisão oferta a comunidade cientifica uma visão acerca da utilização de plantas medicinais pelo povo quilombola no nordeste do Brasil, explorando a riqueza da sabedoria popular relacionada à natureza, bem como a identificação das plantas mais frequentemente utilizadas e suas propriedades terapêuticas. Espera-se que os resultados dessa revisão da literatura possam contribuir para o debate da temática e no fortalecimento de ações que legitimem e garanta as comunidades quilombolas a efetivação de seus direitos.

Palavras-chaves: Quilombolas; Etnobotânica; Ancestralidade; Medicina Popular.

1 INTRODUÇÃO

As comunidades remanescentes de quilombos, com trajetória histórica própria e valorização da ancestralidade, possuem um conhecimento milenar em diversas áreas, como culinária, botânica, espiritualidade e a medicina tradicional, muitos desses conhecimentos são tradições de seus antepassados que vieram da África e outros foram desenvolvidos no Brasil. Tais tradições se relacionam diretamente com a natureza e seus constituintes, usualmente em zonas rurais (Santos, 2023).

Essas experiências históricas foram resultado do estabelecimento das comunidades em superação ao modelo socioeconômico baseado na escravidão, resistência essa que consolidou a manutenção de crenças, identidades, conhecimento popular (Nazaré, 2019).

No Brasil, os locais que eram ocupados por escravos e negros que resistiam à escravidão ficaram conhecidos como os quilombos, dando origem as comunidades quilombolas. Deste modo, diversas políticas foram criadas a fim de assistir esse público e garantir direitos a apropriação de terras e ao desenvolvimento econômico e social. O decreto nº 4.887, em 2003, regulamentou os processos para identificação, delimitação e titulação das terras ocupadas pelas comunidades quilombolas (Brasil, 2003).

Dados da Fundação Cultural Palmares (2020) descreve que até o ano presente existe 3.524 comunidades afrodescendentes. Dados do CEQUIRCE (2016) aponta que no Ceará se distribuem 70 comunidades quilombolas, 42 certificadas pela Fundação Cultural Palmares e um total de 4.017 famílias. As comunidades quilombolas estão distribuídas nos municípios: Tururu, Porteiras, Horizonte, Crateús, Aquiraz, Pacajus, Coreaú / Moraújo, Quiterianópolis, Tamboril, Tauá, Croata, Araripe, Novo Oriente, Quixadá, Baturité, Ipueiras, Salitre, Aracati.

Neste sentido, o uso de plantas é algo muito comum entre as comunidades quilombolas. Muito utilizado no passado como meios terapêuticos pela população em geral, com importante relevância para a saúde pública, principalmente para os grupos mais vulneráveis ainda vem sendo utilizado nos dias de hoje e segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) o seu uso é prevalente na atenção primária a saúde, mesmo com os avanços da medicina moderna (Brasil, 2016; Farias *et al.*, 2021).

Deste modo, objetiva-se realizar uma revisão narrativa de literatura para compreender a utilização de plantas medicinais pelo povo quilombola no nordeste do Brasil, explorando a riqueza da sabedoria popular relacionada à natureza, bem como identificar as plantas mais frequentemente utilizadas, suas propriedades terapêuticas e eventuais limitações e riscos associados a essas práticas.

2 METODOLOGIA

O método de estudo se trata de uma revisão narrativa da literatura a respeito da utilização de plantas medicinais pelo povo quilombola no nordeste do Brasil. A revisão narrativa apresenta uma temática aberta; não exigindo um protocolo com rigor para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica (Martinelli; Cavalli, 2019).

Para facilitar a busca nas bases de dados, foi formulado a seguinte pergunta de pesquisa: Quais plantas medicinais são utilizadas para fins terapêuticos, como se dá seu uso e quais são as implicações desse conhecimento para a saúde das comunidades locais do nordeste brasileiro?

As bases foram selecionadas segundo sua relevância, incluindo: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Scientific Eletronic Library Online (SCIELO/PubMed) e National Library of Medicine National, SciVerse (SCOPUS) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

O processo de busca foi realizado por meio da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e o portal de periódicos da CAPES. Foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs) e os *Medical Subject Headings* (MeSH) na busca dos artigos nas bases. O operador booleano “AND” foi usado para o cruzamento dos seguintes descritores: “quilombolas AND etnobotanica” e “Quilombola Communities AND Ethnobotany”.

A busca aconteceu durante o mês de outubro de 2023 de forma pareada com a presença de uma terceira pessoa para verificação dos dados. Como critérios de inclusão foram considerados: estudos publicados nos últimos 10 anos, estudos completos disponíveis, pesquisas que abordem o uso de plantas medicinais no nordeste brasileiro, estudos que descrevam as práticas, crenças e conhecimentos

tradicionais das comunidades quilombolas sobre plantas medicinais e as pesquisas que avaliem as propriedades terapêuticas, usos e preparações das plantas medicinais.

Dentre os critérios de exclusão definidos, cita-se: estudos não disponíveis na íntegra, artigos de revisão, editorias de jornais sem caráter científico e estudos com fuga do tema proposto.

Foram identificados 62 estudos, destes, 17 na LILACS, 08 na MEDLINE, 09 na SCIELO/PubMed e 28 na BDTD. Feito isso, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, seguida da exclusão de estudos duplicados, estudos de outra natureza e estudos incompletos. Destes, 39 estudos foram excluídos por não atenderem os critérios de elegibilidade e 23 foram submetidos ao processo de leitura na íntegra. Após a leitura minuciosa, 08 estudos foram selecionados para compor a amostra final do presente estudo.

Para a organização dos dados e síntese dos resultados foi elaborado um quadro contendo aspectos relevantes dos estudos incluídos, como autoria, ano, título do estudo e os principais resultados de cada estudo.

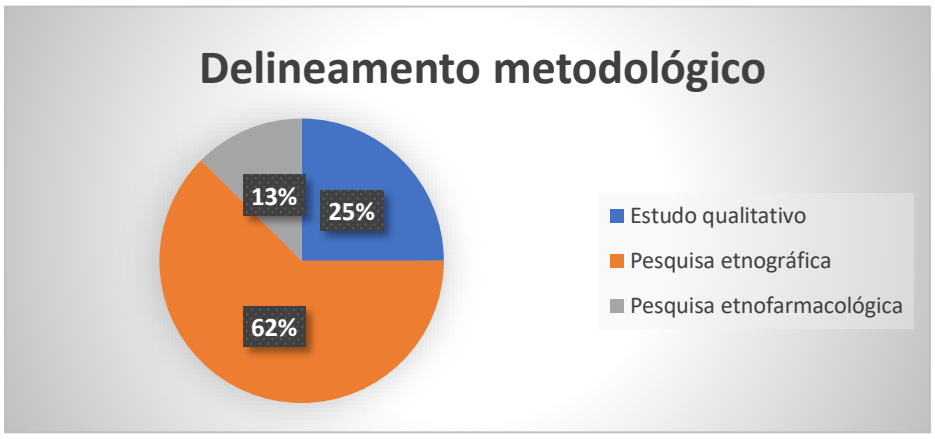
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra final foi constituída de 08 artigos que abordaram: uso de plantas medicinais nas comunidades quilombolas da Paraíba; conhecimento botânico tradicional sobre plantas medicinais no quilombo Ipiranga; espécies lenhosas utilizadas no litoral da Paraíba; avaliação da atividade antinocicepctiva de plantas medicinais da comunidade quilombola Mussuca; uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de furadinho; plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia; uso e conservação de plantas medicinais nativas por comunidades quilombolas no município de Alcântara.

Em relação ao local de publicação, todos os estudos foram publicados no nordeste do Brasil. No que diz respeito ao ano de publicação, os estudos elegíveis compreenderam os anos de 2014 à 2021.

Abrangeram estudo descritivo com abordagem qualitativa, pesquisa etnográfica e etnofarmacológica.

Figura 01- Delineamento metodológico



Fonte: Dados da pesquisa Elaboração própria, 2023.

Foi realizada a categorização dos estudos incluídos na revisão quanto ao delineamento em relação autoria, ano, título do estudo e os principais resultados de cada estudo, conforme quadro a seguir.

Quadro 01- Categorização dos estudos elegíveis para amostra final da revisão

AUTORIA/ANO	TÍTULO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Neto et al. (2014)	Estudo Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil.	A comunidade apresenta uma medicina popular bastante rica, com grande diversidade de espécies vegetais e usos por parte da população.
Klank, F. A. (2014)	Estudo etnofarmacológico e avaliação de atividade antinociceptiva de plantas medicinais da comunidade quilombola mussuca, Laranjeiras/SE.	Conclui-se que os especialistas do povoado possuem conhecimento empírico sobre plantas medicinais analgésicas e que todas as plantas medicinais possuem efeito antinociceptivo, sendo a mais potente a *Schinus terebinthifolius Raddi* e mais eficazes as *Rolandra fruticosa (L.) Kuntze, Guarea guidonia, Cecropia pachystachya Trécul* e *Schinus terebinthifolius Raddi.*
Pellegrino, N. S. L. (2015)	Uso de plantas medicinais nas comunidades quilombolas de Coremas, Paraíba, Brasil.	As plantas mais utilizadas são as ervas, utilizadas na preparação de chás. A maior

		parte das espécies são cultivadas em jardim e quintais.
Oliveira, L. R. (2015).	Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil	Foram identificadas 30 plantas com fins medicinais e terapêuticos, sendo a Erva cidreira, o Capim santo, o Hortelã grosso, a Arruda e a Erva doce as mais utilizadas.
Linhares, J. F. P. (2015).	Uso e conservação de plantas medicinais nativas por comunidades quilombolas no município de Alcântara, Maranhão.	As plantas mais usadas na atualidade são *Himatanthus drasticus (Mart.) Plumel), Cecropia sp., Hymenaea courbaril L., Parahancornia sp. Croton urucurana Baill., Myracrodruon urundeuva Allemão e Bauhinia glabra Jacq.*
Beltreschi, L. (2016).	Conhecimento botânico tradicional sobre plantas medicinais no quilombo Ipiranga, município do Conde-PB.	As espécies identificadas no estudo foram indicadas para o tratamento de 66 doenças e que as pessoas mais velhas apresentaram maior conhecimento etnobotânico.
Rocha, F. V. (2017)	Caracterização e estado de conservação de espécies lenhosas utilizadas em um quilombo no litoral da Paraíba, Nordeste do Brasil.	O estudo mostrou que a maior parte das plantas utilizadas necessitam de intervenção quanto aos meios de extração e frequência de colheita.
Santana *et al*. (2021).	Etnomedicina quilombola: o papel da idade, do gênero e da mudança cultural.	Foram identificados 133 etnoespécies de plantas usadas para tratar uma ampla variedade de doenças. As partes das plantas mais utilizadas foram as folhas; a forma mais comum de preparação foi a infusão.

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria, 2023.

Um estudo desenvolvido no Nordeste do Brasil objetivou realizar um levantamento etnofarmacológico de plantas medicinais com propriedades analgésicas na comunidade Quilombola Mussuca, em Laranjeiras, Sergipe. Possui uma população de aproximadamente 2.400 pessoas, dos quais 98% são afrodescendentes. O primeiro contato com a comunidade quilombola aconteceu por meio da líder comunitária. Foi utilizado uma técnica antropológica etnográfica: a observação

participante. Por meio da observação direta e aplicação de questionários foi possível perceber o conhecimento e uso das plantas utilizadas para dor, no qual identificou plantas medicinais de uso principal no manejo da dor (Klank, 2014).

A planta medicinal presente na maioria das residências é a Aroeira (*Schinus terebinthifolius Raddi*) 38%, com ação analgésica e cicatrizante, em seguida a Sete dores com 13% (*Plectranthus barbatus Andrews*); a pinha (*Annona squamosa L.*) com (25%) e *Sambacaitá (Hyptis pectinata Poit*) com (25%). Os dados demonstraram que 57% das pessoas utilizam plantas medicinais no sentido de cura, 14% utiliza plantas medicinais na diminuição da dor e 14% tem obtido resultados satisfatórios quando consomem as plantas medicinais (Klank, 2014).

Ainda nesse estudo, foi possível observar que as plantas medicinais analgésicas *Schinus terebinthifolius Raddi, Hyptis pectinata Poit, Plectranthus barbatus Andrews, Rolandra fruticosa Kuntze, Cecropia pachystachyal Trécul, Annona squamosa L., Guarea guidonia* citadas como de uso principal na comunidade, são utilizadas para diversos tipos de dor, dor de estômago, dor no corpo, dores musculares, dor de dente, entre outros (Klank, 2014).

Em conformidade ao estudo citado, uma pesquisa desenvolvida em região do semiárido paraibano identificou o uso de plantas medicinais por duas comunidades quilombolas localizados na região. As comunidades quilombolas analisadas foram a Comunidade Mãe D'água com 90 famílias e a Comunidade Santa Tereza com 140 famílias. Cada uma dessas comunidades gerenciadas por um representante comunitário. As famílias foram entrevistadas a fim de compreender quais espécies eram utilizadas para fins medicinais e especificamente para doenças. Foram consideradas as partes das plantas como: folha, flor, raiz, casca, látex e a planta inteira (Pellegrino, 2015).

Foram registrados o uso de 17 espécies distribuídas em 14 famílias botânicas. Destaca-se aqui o seu nome popular: hortelã miúdo, hortelã grande, alecrim, pinhão roxo, eucalipto goiaba, cidreira, mamão, anador, erva doce, babosa, dipirona, quebra pedra, capim santo, mastruz, chanana e romã. Em ambas as duas comunidades foi presente o uso de plantas para fins terapêuticos, principalmente por sua facilidade de ser cultivada em jardins e quintais. A principal forma de consumo apontado é por meio dos chás (abafado) das folhas, utilizados em resfriados, febre, diarreia, dor de

garganta, pressão alta e má digestão. Além dos chás, as plantas são utilizadas nas preparações de lambedor, xaropes, inalação e garrafadas (Pellegrino, 2015).

No município de Conde na Paraíba, objetivou identificar o conhecimento tradicional a respeito das plantas medicinais usadas na comunidade quilombola Ipiranga. A comunidade é certificada desde 2006 pela Fundação Cultural Palmares e abriga em torno de 120 famílias. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas e observação da comunidade. A comunidade conhece cerca de 80 espécies com finalidade medicinal, estas distribuídas em 66 gêneros e 38 famílias. As espécies mais citadas foi o capim santo, cidreira, aloe vera, alecrim, hortelã grande, romã, mastruz e colônia (Beltreschi, 2016).

Todas as partes da planta são usadas nas preparações de remédios pela comunidade, sendo a folha mais utilizada (60,6%), seguido pela casca (14,7%), flor (5,4%), polpa (4,2%) até a casca com (0,1%). Em relação a forma de preparo os chás assumem primeira posição, seguido da planta triturada, macerado, lambedor, chá abafado, molho no vinagre, inalação, compressa, mastigar a folha e garrafada (Beltreschi, 2016).

Outro estudo desenvolvido em Conde na Paraíba avaliou as espécies vegetais lenhosas que são utilizadas pela comunidade quilombola Ipiranga. As informações etnobotânicas foram obtidas por meio de entrevistas do levantamento de espécies lenhosas utilizadas diretamente da natureza. Ao final das entrevistas e observações as plantas foram organizadas em grupos: alimentação, construção, combustível, medicinal, ornamental e tecnologia, veneno abortivo e veterinário. Foram citadas 64 espécies lenhosas, pertencentes a 32 famílias e 61 gêneros (Rocha, 2017).

A maior parte das espécies são nativas do Brasil e destaca-se como as de uso medicinal: cajueiro, mangueira, aroeira, mangaba, coqueiro, ipê roxo, barbatimão, gitaí, sucupira, jatobá, mutamba, gobiroba, araçá, ameixa branca, mavaísco, quina-quina, angélica, Jenipapo bravo, espinho de roseta, gabatimã, pitomba, jurubeba e embaúba (Rocha, 2017).

Na categoria medicinal essas plantas são utilizadas como anti-inflamatórios, antimicótico, cicatrizante, controle de hemorragias, controle de colesterol, emagrecedor, expectorante, tratamento para dores de barriga, tratamento para

hepatite B, dores de coluna, dores reumáticas, cobreiro, diabetes, gastrite, gripe e resfriados, infecções intestinais, pressão arterial e pancadas e torsões (Rocha, 2017).

Corroborando com os estudos citados, uma pesquisa desenvolvida no na Bahia analisou o conhecimento da comunidade rural do Sisal relacionado ao uso tradicional de plantas medicinais. Foram realizadas visitas de reconhecimento da área, para conexão com os participantes e reconhecimento sociocultural. Após isso, foram aplicados questionários em prol de obter informações relevantes sobre às espécies e a parte utilizada das plantas, as formas de uso e as enfermidades para as quais eram indicadas (Neto *et al*., 2014).

Foram identificadas 54 espécies botânicas distribuídas em 46 gêneros e 28 famílias. Lamiaceae foi a família mais representada, com 7 espécies, seguida de Asteraceae, com 5 espécies. A maioria das plantas são cultivadas nos próprios quintais dos moradores, como percebido nos estudos anteriores. A espécie mais citada foi o boldo (*Plectrantus sp),* apresentando relevância no acervo medicinal da comunidade, sendo muito usado para tratar a dor de barriga e doenças associadas ao trato digestório (Neto *et al*., 2014).

Por fim, destaca-se um estudo realizado na região do recôncavo da Bahia que investigou o conhecimento sobre plantas medicinais nesta comunidade quilombola, analisando a influência da idade e do gênero na distribuição desse conhecimento. Foram registradas 133 etnoespécies medicinais, incluindo 105 identificadas em nível de espécie e 13 em gênero, totalizando 118 espécies biológicas empregadas no tratamento de uma ampla variedade de doenças. As plantas identificadas foram: anador (*Justiçacf. peitoralvar.estenofila León*), utilizada para inflamação dentária; febre; dor de cabeça; dor em geral; benzetacil *(Alternantheracf.brasiliana(L.) Kuntze)*, utilizada para cólica, inflamação dentária, dor de cabeça, inflamação, dor em geral e ferimento; beterraba (*Beta vulgarL*), utilizada no tratamento da gripe; mastruz (*Disfania ambrosioides(L.) Mosyakin & Clemants*), usada para tratamento da cólica, tosse, gripe, inflamação, mal-estar, congestão nasal, problemas de próstata, trauma, vermes e ferimentos (Santana *et al*., 2021).

Reitera-se que não foram relatadas limitações ou riscos associados ao uso das plantas medicinais nas comunidades quilombolas no nordeste brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa revisão apontaram para o uso de muitas espécies de plantas medicinais utilizadas em comunidades quilombolas em diversos problemas de saúde, bem como as maneiras para preparação e as partes utilizadas das plantas.

Esta revisão oferta a comunidade cientifica uma visão acerca da utilização de plantas medicinais pelo povo quilombola no nordeste do Brasil, explorando a riqueza da sabedoria popular relacionada à natureza, bem como a identificação das plantas mais frequentemente utilizadas e suas propriedades terapêuticas.

Espera-se que os resultados dessa revisão da literatura possam contribuir para o debate da temática e no fortalecimento de ações que legitimem e garanta as comunidades quilombolas a efetivação de seus direitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.** Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Published Last Modified Date|. Accessed Dated Accessed

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos/**Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos,Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília: Ministério da Saúde, 190 p. 2016.

FARIAS, P. S.; FREITAS, R. M. O.; MATIAS, M. I. A. S.; NOGUEIRA, N. W.; SOUZA, R. N.; FERNANDES, A. C. O. Plantas medicinais utilizadas por mulheres em comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, e328101219916, 2021. Disponível em:< https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19916/18287> Acesso em: 08 out. 2023.

MARTINELLI, S. S.; CAVALLI, S. B. Alimentação saudável e sustentável: uma revisão narrativa sobre desafios e perspectivas. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 24, pag:4251-4262. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/z76hs5QXmyTVZDdBDJXHTwz/?lang=pt.

NAZARÉ M. L. Quilombos na América do Sul: experiências de resistências ao eurocentrismo na Amazônia. Complexitas. **Revista de Filosofia Temática**, v.4, p.114-121. 2019.

SANTOS, P. C. V. **Caracterização de paisagens com a presença de batibutá (Ouratea fieldingiana(gardner)engl): Um estudo etnogeomorfologico do conhecimento tradicional do quilombo do Ipiranga aplicado ao município do Conde (PB).** (Monografia). Curso de Bacharelado em Geografia. Univeridade Federal da Paraíba. 2023.

NETO, F. R. G. et al. Estudo Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. **Revista brasileira de plantas medicinais**, v. 16, p. 856-865, 2014. Disponível em:< https://doi.org/10.1590/1983-084X/11_207 > Acesso em: 08 out. 2023.

PELLEGRINO, N. S. L. **Uso de plantas medicinais nas comunidades quilombolas de Coremas, Paraíba-PB, Brasil**. Dissertação de Mestrado, 2015. Disponível em:< https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9183> Acesso em: 09 out. 2023.

BELTRESCHI, L. **Conhecimento botânico tradicional sobre plantas medicinais no Quilombo Ipiranga, município do Conde-PB**. Dissertação de Mestrado, 2016. Disponível em:< https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9160 > Acesso em: 09 out. 2023.

ROCHA, F. V. **Caracterização e estado de conservação de espécies lenhosas utilizadas em um quilombo no litoral da Paraíba, Nordeste do Brasil**. Dissertação de Mestrado, 2017. Disponível em:< https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11743 > Acesso em: 09 out. 2023.

KLANK, F. A**. Estudo etnofarmacológico e avaliação de atividades antinociceptiva de plantas medicinais da comunidade quilombola Mussuca, Laranjeiras/SE.** Dissertação de Mestrado, 2014. Disponível em:< https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/4276 > Acesso em: 09 out. 2023.

OLIVEIRA, L. R. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 10, n.3, p. 25-31, 2015. Disponível em:< https://doi.org/10.18378/rvads.v10i3.3408 > Acesso em: 10 out. 2023.

SANTANA, B. F.; VOEKS, R. A.; FUNCH, L. S. Quilombola ethnomedicine: The role of age, gender, and culture change. **Acta Botanica Brasilica**, v. 36, p. e2020abb0500, 2022. Disponível em:< https://doi.org/10.1590/0102-33062020abb0500 > Acesso em: 10 out. 2023.